



## XXXV SALÃO de INICIAÇÃO CIENTÍFICA

6 a 10 de novembro

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2023: SIC - XXXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2023
<b>Local</b>	Campus Centro - UFRGS
<b>Título</b>	A faxineira tem um filho para dar? Análises interseccionais no tocante à escolha do perfil da criança adotada
<b>Autor</b>	TAYSE EDUARDA DE MATTOS DA SILVA
<b>Orientador</b>	GIANA BITENCOURT FRIZZO

O debate no campo da adoção no Brasil carece de análises críticas em relação à escolha do perfil da criança e os marcadores sociais da diferença, como raça, classe e gênero. A maioria dos postulantes preferem adotar crianças pequenas, sem irmãos e brancas. Contudo, as crianças mais disponíveis à adoção são as pardas, o que exige a flexibilização do perfil. Este estudo analisa como os marcadores sociais da diferença surgem imbricados nos discursos predominantes na adoção durante a escolha do perfil da criança. Foi realizado um estudo de caso único com candidatos habilitados na fila de espera. O caso surge da entrevista com uma candidata branca, de 38 anos, de classe média, casada e em uma relação heterossexual. A análise dos dados foi realizada através da análise temática. Os marcadores sociais da diferença surgiram espontaneamente durante a entrevista, em elementos discursivos categorizados em três temas centrais: a deslegitimação da maternidade de mulheres em trabalhos precarizados, a objetificação da criança na adoção e, por fim, os efeitos do racismo estrutural e institucional na adoção. Neste trecho, a postulante à adoção conta da reação da futura avó: “A mãe tava por umas de pegar o filho da faxineira, cozinheira, assim, tem uma criança pra dar? (risos)”. Esta narrativa fomenta a adoção ilegal ao sugerir que faxineiras e cozinheiras, trabalhos comuns às mulheres negras e pobres no Brasil, não reúnem condições de criar seus filhos. E, ainda, remete a um período de colonização e escravidão na história do Brasil, quando os filhos das escravizadas eram vendidos como objetos. Por fim, destaca-se questões relacionadas ao racismo, classismo, sexismo e estigma frente à adoção, evidenciando no âmbito discursivo as formas pelas quais esses aspectos emergem, bem como nos processos adotivos no Brasil, colocando em dúvida o lugar do filho adotivo diante destas narrativas.